

EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA NO BRASIL

Eng. Agr. Ruy Miller Paiva

O período de 1945 a 1960 foi de modo geral satisfatório para a economia do Brasil. O Produto Interno Bruto, (1) nos anos para os quais se dispõe de dados, de 1948 a 1959 cresceu em média, de 5,8% por ano,

permitindo um crescimento de 3,3% por habitante. O valor do Produto Interno Bruto em cruzeiros, corrente no ano de 1959, atingiu 1 837,4 bilhões de cruzeiros, ou sejam, 28 613 cruzeiros por habitante.(2)

POSIÇÃO DA AGRICULTURA

A agricultura nesse período não apresenta um ritmo de crescimento intenso, como a indústria. O Produto Real que mede a evolução do volume físico da produção,(3) mostra

que o setor da agricultura em 1958, último ano para o qual se dispõe de dados, alcança o índice de 141,8 (1949 = 100), muito inferior pois, aos 235,1 atingidos pelo setor da indús-

(*) A American Farm Economic Association, em sua Conferência anual realizada em Fort Collins, Colorado, E.E.UU. de 13 a 15 de agosto de 1961, decidiu incluir no seu programa o tema "Evolução da agricultura em países estrangeiros", convidando representantes de 3 nações — Japão, Índia e Brasil — para exporem os fatos considerados de maior significação nesse setor em seus países, impondo aos trabalhos um limite de 2.500 palavras. O trabalho que ora divulgamos foi apresentado na citada Conferência, em atendimento a êsse convite e será publicado no Journal of Farm Economics, n.º 5, dezembro de 1961.

(1) Os dados mencionados neste trabalho referentes à conta nacional do Brasil são calculados pela Fundação Getúlio Vargas e acham-se publicados na Revista Brasileira de Economia — março 1960.

(2) Equivale a US\$183 por habitante, se adotado para conversão, o valor da taxa média do câmbio livre, na cidade do Rio de Janeiro. Cr\$156,00/US\$1,00 — Devido à complexidade do sistema cambial brasileiro, essa conversão oferece possibilidades limitadas de confronto com outros países.

(3) Nas contas nacionais do Brasil, "O índice do Produto Real somente evidencia desenvolvimento físico, sem considerar as alterações do poder de compra pela via do comércio exterior, como consequência de variação dos preços de importações e exportações" — Revista Brasileira de Economia — março 1959 — pág. 12.

tria e aos 168,7 obtidos em média pelas atividades econômicas do país.

Todavia, êsse crescimento do setor da agricultura não deixa de ser satisfatório, quando analisado em seu aspecto global. Utilizando-se outra série de dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (Quadro I), constata-se em números índices, que o volume de sua produção cresce de 62,7 em 1945, para 139,1 em 1960.

Desdobrando-se a produção global em seus principais setores: — Produtos de Consumo Interno e Produtos de Exportação, constata-se dois fatos de maior significação: — a) a produção de consumo interno, tanto a de alimentos com a de matérias primas para indústria, cresce em ritmo acentuado; e b) dentre os produtos exportáveis, apenas os chamados produtos tradicionais (café e cacau) mostram aumento, pois os demais produtos sofrem um decréscimo de produção. Êsses fatos merecem exame mais detalhado.

Produtos de Consumo Interno

Dentre os produtos de Consumo Interno, os alimentos apresentam um ritmo muito favorável e quase constante de crescimento de produção, pas-

sando em números índices, de 58,4 em 1945 para 113,4 em 1960. Crescimento também favorável é o das matérias primas para a indústria, cuja produção cresceu de 70,6 para 109,1, no mesmo período. Atendem, assim, a demanda crescente de uma população que aumenta em média de 2,5% por ano e cujos índices de consumo se elevam com a melhoria da renda nacional e com as modificações dos hábitos sociais, fruto em parte, da intensa urbanização do país. (4)

É interessante observar que o crescimento dessa classe, isto é, dos produtos de consumo interno, não se deve a uma melhoria de preços. Conforme se depreende dos dados do Quadro I, os preços reais dos alimentos flutuam em torno do ano base (1958), mas não mostram qualquer tendência de alta. Já os preços reais das matérias primas mostram acentuada tendência de baixa, passando em números índices, de 157 em 1945 para 89,9 em 1960.

Todavia, se desdobrarmos os produtos agropecuários em produtos de origem vegetal e os de origem animal, constatamos que isso é verdadeiro somente para os primeiros, pois os preços correntes dos produ-

(4) As populações de São Paulo e do Rio de Janeiro passaram de 1,2 e 1,7 milhões de habitantes em 1940 para 2,3 e 2,4 em 1950 e segundo dados preliminares em 1960 atingem 3,8 e 3,3 milhões, respectivamente. Outras 5 cidades: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Pôrto Alegre e Fortaleza contam com populações superiores a 500.000 habitantes.

QUADRO I

BRASIL: Índice de Produção e de Preços Reais dos Produtos Agrícolas

Ano Base 1958 = 100

Anos	Produtos de Consumo Interno				Produtos de Exportação				Total Produtos	
	De Alimentação (1)		Matéria Prima p/Indústria (2)		Tradicional (3)		Outros (4)			
	Produção	Preço	Produção	Preço	Produção	Preço	Produção	Preço	Produção	Preço
1945	58,4	115,5	70,6	157,0	50,9	103,7	100,0	100,6	62,7	112,2
1946	67,3	106,9	75,5	139,6	55,5	118,7	99,8	132,9	68,1	114,7
1947	67,4	94,7	105,8	127,5	57,0	97,6	91,1	109,7	68,9	98,7
1948	71,4	102,7	67,6	124,5	60,9	97,1	87,8	117,4	70,3	103,8
1949	74,5	103,3	68,3	121,6	64,3	113,1	101,0	115,9	74,6	108,4
1950	78,9	96,9	66,0	117,7	65,3	197,8	100,9	137,6	77,2	131,0
1951	80,1	97,8	76,8	119,2	64,4	184,7	91,2	168,5	76,9	131,5
1952	77,6	107,7	73,2	112,4	66,5	169,7	118,2	120,5	79,2	126,8
1953	81,4	124,0	78,9	123,2	68,4	169,3	95,2	101,9	78,8	134,0
1954	87,5	114,6	84,4	122,2	63,8	212,2	100,4	102,3	82,3	140,8
1955	89,3	118,4	84,7	111,8	81,9	182,4	108,1	101,4	89,3	134,0
1956	91,3	115,2	107,4	116,6	60,6	146,5	105,2	95,7	85,1	121,7
1957	100,1	105,1	95,5	116,1	84,3	133,0	106,4	89,5	103,6	111,5
1958	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1959	101,8	109,4	100,1	93,5	248,5	89,6	119,0	102,7	144,9	102,3
1960	113,4	108,7	109,1	89,9	200,3	110,4	126,0	100,8	139,1	107,6

(1) Milho, arroz, feijão, batata, cebola, tomate, alho, mandioca, banana, laranjas e carne bovina

(2) Amendoim, borracha, girasol, juta, tungue e uva

(3) Café e cacáú

(4) Algodão, fumo, sisal, babaçú, carnaúba, oiticica, mamona, piaçava e castanha do Pará

Fonte: Instituto Brasileiro de Economia — Fundação Getúlio Vargas — Rio

tos de origem animal subiram de forma muito sensível, passando de 63 em 1945 para 1 193 em 1960, enquanto que os produtos de origem vegetal cresceram, em números índices, de 61 em 1945 para 594 em 1960, menos portanto do que o crescimento do índice geral de preços de atacado do país, que foi de 75 para 750 (Quadro II).

Aliás, as causas desse crescimento devem ser encontradas, em parte, na demanda proporcionalmente maior dos alimentos de origem animal por parte da população que se urbaniza e modifica seus hábitos alimentares. E em parte, também ao fato das curvas de oferta desses produtos apresentarem características de menor elasticidade. Sabe-se que a produção de aves e ovos, leite e carne exige dos agricultores técnica e recursos naturais que não estão ao alcance do agricultor comum. Se contássemos com índices de preços de verduras, legumes e frutas, haveríamos provavelmente de encontrar resultados semelhantes, pois também há dificuldade para os agricultores se adaptarem à produção desses artigos.

Produtos Exportáveis

Quanto aos produtos exportáveis, a situação mostra-se particularmente grave. O Brasil necessita importar volumes

crescentes de combustíveis, máquinas operatrizes e matérias primas, para manter o ritmo de crescimento de sua economia. Se as exportações não são suficientes para atender a essas necessidades, desenvolvem-se sérias dificuldades na balança de pagamentos, com reflexos no próprio desenvolvimento do país.

As estatísticas mostram (Quadro I), que apenas a produção dos chamados artigos tradicionais é que tem aumentado, aumento esse que em certos aspectos assume proporções impressionantes, pois passa, em números índices, de 50,9 em 1945 para 100,0 em 1958 e 248,5 em 1959, elevando-se assim na proporção de 1:5 num período de 15 anos. Isso, porém, se deve exclusivamente ao café, que se acha em condições de super-produção e cujos aumentos têm de ser estocados no próprio país, não contribuindo assim para o aumento da exportação. Os demais produtos, englobados no item "outros produtos", não representam aumento de produção.

Como reflexo dessa situação, as exportações do país não têm aumentado. Em números índices (1948 = 100), subiram de 84 em 1945 para 102 em 1946, caindo posteriormente para não mais subir, sendo que no ano de 1960 ainda foi de ape-

nas 90.(5) (6) E com isso, a balança de pagamentos apresentou no período de 1947 a 1960, déficits em 10 anos, alguns dos quais bastante volumosos,(7) que tiveram de ser financiados através de fontes diversas de crédito no exterior.

O fato de não ter havido aumento na produção de artigos exportáveis (exceção do café), assim como no volume das exportações, prende-se em gran-

de parte a questões de preços. A elevação de preços que ocorreu na primeira fase do período, passando em números índices, de 100,6 em 1945 para 168,5 em 1951, não foi suficiente para estimular a produção, sendo que logo a seguir, os preços caíram para 101,9 em 1953 e mantiveram-se em torno desse nível até 1960. (Quadro I).

SISTEMA CAMBIAL DESFAVORÁVEL PARA A AGRICULTURA

Essa queda dos preços deve-se mais à política cambial do Governo Brasileiro que se mostrou prejudicial ao setor da exportação, do que a uma situação desfavorável do mercado internacional.

A partir de 1947, para evitar maiores desequilíbrios na Balança de Pagamento, o Brasil adotou uma série de medidas de controle, sem contudo permitir modificações nas taxas de câmbio oficial. Com isso colocou o setor de exportação em situação desfavorável, pois as cotações de seus produtos, em cruzeiros, deixaram de acompanhar a elevação inflacionária do nível geral de preços. (Quadro II).

Em 1953 procurou-se minorar a posição desfavorável do setor de exportação, com a adoção de um sistema de taxas múltiplas de câmbio. A medida não trouxe, porém, êsse resultado e foi posteriormente denominada com ressentimento, pelos agricultores, de "regime de confisco cambial". As mercadorias para a importação foram classificadas em cinco classes, de acôrdo com o grau de importância das mesmas, e adotado para cada classe um sistema de leilões em que os importadores licitavam as cambiais, pagando ágios em adição à taxa oficial. Na exportação adotaram-se duas classes, em que os produtos rece-

(5) Conjuntura Econômica — Fundação Getúlio Vargas — Ano XV — n.º 5, maio 1961.

(6) O volume de exportação em 1959 foi de 9,9 milhões de toneladas e em 1960 (11 meses) 9,5 milhões, com os valores, respectivamente, de US\$1,3 e US\$1,6 bilhões.

(7) Nos anos de 1951, 1952, 1954 e 1958, os déficits foram mais elevados, atingindo 291, 615, 203 e 253 milhões de dólares, respectivamente. Em 1960, nos seis primeiros meses, o déficit já era de 204 milhões (Boletim da SUMOC, março 1961 — pag. 88).

QUADRO II

BRASIL: Índice de Preços de Produtos Agrícolas e dos Produtos em Geral.

(Preços de Atacado)

Ano Base 1948 = 100

Período	Produtos Agrícolas			Índice Geral de Preços de Atacado (3)
	De Origem Vegetal (1)		De Origem Animal (2)	
	Total	Sem Café		
1945	61	61	63	75
1946	71	65	76	86
1947	84	82	83	91
1948	100	100	100	100
1949	114	108	105	109
1950	134	93	119	124
1951	149	99	159	148
1952	173	130	211	163
1953	195	166	235	188
1954	269	186	286	245
1955	289	223	364	277
1956	345	285	400	330
1957	373	320	449	371
1958	388	339	506	417
1959	528	516	636	574
1960	622	594	1193	750

(1) Incluem os 17 principais produtos

(2) Incluem os 6 principais produtos

(3) Incluem 90 produtos, abrangendo alimentos, matérias primas e produtos da indústria em geral

Fonte: Instituto Brasileiro de Economia — Fundação Getúlio Vargas — RIO

biam “bonificações” de valores diferentes, estipulados pelo Governo em adição à taxa oficial de câmbio. A classificação dos produtos nessas classes era feita de acôrdo com sua capacidade de suportar as taxas, ou como medida de estímulo e incremento à sua produção.

O sistema tem passado por diversas modificações, com referência aos números de classes e aos valores das bonificações.(8) O que, porém, interessa ressaltar é que o montante das bonificações recebidas pelos produtos exportados foi sempre muito inferior ao dos ágios pagos pelos produtos importados, inferindo-se daí que a exportação recebe preços menores aos que poderia receber, não fôsse o sistema vigente.

Admite-se que êsse sistema tenha sido inicialmente vantajoso para a economia do país. Entre outras vantagens, permitiu que o Governo promovesse a instalação de indústrias consideradas básicas para o desenvolvimento do país, pro-

porcionando taxas favoráveis de câmbio para a importação de máquinas e matérias primas, que lhes fôssem necessários e, de outro lado, através de taxas elevadas, protegesse a indústria nascente do país, dificultando a importação de artigos concorrentes. E com o saldo em cruzeiros do sistema,(9) pôde ampliar o crédito agrícola, pavimentar estradas, cobrir parte dos déficits orçamentários do Governo e ultimamente adquirir os excedentes de café.

O “confisco” impôsto à agricultura de exportação poderia ser assim considerado benéfico à economia do país, por ter promovido uma industrialização mais rápida. Todavia, como não houve estímulo ao aumento da produção de artigos exportáveis, a medida se tornou prejudicial à economia em geral do país, impondo a esta um limite na capacidade de importar e, por conseguinte, no próprio ritmo de seu desenvolvimento.

CARACTERÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Característica considerada histórica da agricultura brasileira, é a tendência dos agricultores abandonarem as zonas

velhas e moverem-se para o interior em busca de terras férteis, cobertas de matas, que permitam uma produtividade

(8) A tendência no momento é de voltar ao regime de taxa única de câmbio, tendo as Instruções 204 e 208 da SUMOC já estabelecido medidas nesse sentido.

(9) Nos anos de 1959 a 1960, os saldos dos ágios atingiram 70,2 e 125,4 bilhões de cruzeiros, respectivamente (Boletim da SUMOC/março 1961 — pag. 32). Salienta-se que a receita orçamentária da União foi de 157,8 bilhões de cruzeiros em 1959 e 219,8 em 1960.

elevada com o uso de adubos, máquinas e medidas de conservação do solo.(10)

Somente nos períodos mais recentes, a medida que essas áreas novas vão se escasseando e se distanciando dos centros consumidores e dos portos de exportação, é que tem aumentado o incentivo para que os agricultores permaneçam nas áreas já ocupadas, procurando melhorar a técnica da agricultura e aumentando a produtividade das explorações. Constata-se, por isso, nos últimos anos, aumento ponderável no consumo de adubo, que passou em elementos básicos — Azoto, Fósforo e Potássio, de um total de 74,3 mil toneladas em 1950 para 235,0 mil em 1960. O mesmo ocorre com relação ao emprêgo de tratores, cujo número aumentou de 8 372 em 1950 para cerca de 70 000 em 1960 e ainda com o uso de inseticidas, que constitui outro índice de desenvolvimento técnico da agricultura. Todavia, esses aumentos não são ainda suficientes para que

a produtividade da agricultura se eleve a níveis satisfatórios, quando em confronto com países desenvolvidos.

Não se dispõe de determinações estatísticas satisfatórias quanto à evolução da produtividade da agricultura no período em estudo.(11) Certos fatos, porém, atestam em favor dessa evolução, como por exemplo o dos cafeicultores, até há poucos anos terem, como crença estabelecida, não devidamente contestada pela experimentação agrícola, que não se podia formar lavouras novas em terras velhas.(12) E de fato não se as encontravam em terras velhas. Hoje, ao contrário, devido às mudanças de técnica, são muitas as lavouras recém formadas em terras velhas. Estudos recentes no Estado de São Paulo, mostram que foram plantadas 441,2 milhões de pés (cerca de 1,3 milhões de acres) no período de 1949 a 1958, sendo que destes, cerca de 33% o foram em zonas tipicamente velhas que não

(10) Ocasionalmente o que Preston James chamou a "hollow frontier" — "Latin América — Lothrop, Lee & Shepard Co. — New York.

(11) As estatísticas oficiais referentes à produção média por hectare não se mostram suficientemente precisas. Índices da relação output/input com a finalidade de medir a evolução da eficiência da produção agrícola ou progresso tecnológico, foram calculados recentemente por Clifton R. Wharton Jr. — "Recent Trends of Output and Efficiency in Agricultural Production of Brazil, Minas Gerais and São Paulo". "Inter-American Economic Affairs", vol. XII — n.º 2, pag. 60/80 e por Clarence A. Moore: — "Recent Development in Brazilian Agriculture". "Journal of Political Economy", vol. XIV August pg. 341/46. Os cálculos de Wharton mostram que a evolução da eficiência alcança uma taxa de crescimento de 1,3% por ano, para o período de 1940/55. Não há dúvida que parte desse incremento se deve ao maior ritmo de ocupação de terras novas de alta fertilidade, ocorrido nesse período.

(12) "but more important is the belief (or fact) that coffee cannot be grown a second time on the same soil and be profitable" — Lawrence W. Witt — Changes in the Agriculture of South Central Brazil — Journal of Farm Economics — Vol. XXV n.º 3 — Aug. 1943.

mais dispõem das chamadas terras novas. (13)

No período em estudo, 1945-1960, não tiveram maior significação as melhorias porventura ocorridas no sistema de trabalho e de posse da terra. O país continua a se caracterizar por uma divisão defeituosa de propriedades, com número elevado de propriedades grandes e médias que permitem aos seus proprietários exercer apenas a função de empresários. Os níveis de salário e as condições de trabalho deixam muito a desejar. É constante a migração interna dos trabalhadores, principalmente do Nordeste, região do país sujeita a secas calamitosas, para os Estados mais ricos, São Paulo e Paraná, em busca de melhores condições de salários e de trabalho. O Governo pouco tem feito de efetivo no sentido de oferecer melhores possibilidades aos agricultores não proprietários. Ainda não se efetivaram medidas de crédito para aquisição de terras e tão pouco se conseguiu estabelecer contratos de trabalho e arrendamento de terras em termos mais racionais, atendendo aos interesses dos contratantes e da sociedade.

Também são poucas as me-

lhorias nos processos de comercialização dos produtos agrícolas. Para os produtos clássicos de exportação, como o café, algodão e outros, as firmas particulares se acham adequadamente preparadas com armazéns, máquinas de benefícios e encontram-se organizações auxiliares de Bolsa, Seguro e Crédito. O mesmo ocorre com os frigoríficos para matança de gado, que têm aumentado em número e melhorado em qualidade.

Para outros produtos como arroz, feijão e milho, ainda não se encontram facilidades que caracterizam uma comercialização racional, tais como: — padronização dos produtos, transporte a granel, serviços de informações de preços e de movimentação do produto e tão pouco de uma Bolsa que permita negócios a termo. O mesmo ocorre com os produtos perecíveis que ressentem a falta de melhores condições de comercialização, principalmente de armazéns frigoríficos. O Governo tem procurado contornar algumas dessas dificuldades, procedendo a construção de armazéns e silos em diversos pontos do país. (14) E procurou-se estabelecer por lei, para os cereais e outros produ-

(13) Indústria do Café em São Paulo — (Estudos Conjuntos da FAO CEPAL/IBC/SA) — "Agricultura em São Paulo" — Ano VIII/n.º 3 março 1961.

(14) A meta durante o quinquênio 1955/60 era de construir 800.000 t. de armazéns e silos. Até 1959 já haviam sido construídos cerca de 500.000 t. e numerosas obras já se achavam em fase final de execução.

tos não perecíveis, o sistema de garantia de preços mínimos

que, aliás, não tem se mostrado operante.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Com base no desenvolvimento recente da agricultura e nas características fundamentais da economia brasileira, em princípio e a grosso modo pode-se estabelecer os seguintes objetivos para o desenvolvimento da agricultura na próxima década: — a) aumento geral da produção, de modo a poder ampliar a exportação e melhor atender as exigências do mercado consumidor interno; b) melhoria do nível técnico da agricultura, de modo a elevar a produtividade das explorações; c) melhoria nos contratos de trabalho de parceria e de arrendamento que proporcione uma distribuição mais equitativa da renda entre os que participam da produção.

Cabe indagar se êsses objetivos podem ser alcançados, face não só à existência de recursos naturais do país e à disponibilidade de recursos materiais, como também à possibilidade de serem tomadas medidas pelo Governo, no sentido de favorecer ou dificultar a consecução dêsses objetivos.(15)

Com referência ao primeiro objetivo, isto é, aumento de

produção, pode-se dizer que há possibilidades de que venha a ser alcançado no próximo futuro. O Brasil dispõe de terras para isso e conta com uma população rural crescente, não obstante o êxodo que se processa para os centros urbanos em busca de melhores salários. As perspectivas também são de melhores preços para os produtos agrícolas. As classes dirigentes do país se mostram mais conscientes da necessidade de prestigiar o setor agrícola e de não sobrecarregá-lo com tabelamento de preços e taxas desfavoráveis de câmbio, como fizeram nos últimos anos, através do confisco cambial.

As estradas de rodagem recentemente construídas ligando a nova Capital Brasília às regiões distantes de Belém e do Território do Acre, podem colaborar nesse sentido, facilitando a ocupação de novas áreas, apesar de distantes dos principais centros consumidores. O aumento mais significativo de produção deverá, porém, ocorrer através de um aumento de produtividade das áreas velhas já em cultivo.

(15) A política agrícola não tem sido até agora um fator de auxílio positivo no desenvolvimento agrícola do Brasil. Como bem disse J. S. Hillman: "In fact one might even question the usage of the term — Brazilian Agricultural Policy — because what exist in reality is a series of facts which lackes a common objective". Inter-American Economic Affairs — vol. XII — n.º 1 — pag. 6.

Sente-se que os Governos da União e dos Estados estão mais preocupados com a necessidade de incentivar essa mudança. Exemplo nesse sentido é o apóio dado à criação de novas unidades de extensão agrícola, nos moldes estabelecidos principalmente pela organização criada em 1948 pela Fundação Rockefeller, em colaboração com o Estado de M. Gerais. (16)

Com a implantação de fábricas de tratores no país (17) e com a ampliação das indústrias de adubo, inseticidas e máquinas agrícolas, poderá a agricultura ser melhor suprida de recursos técnicos. É de se esperar, pois, que a melhoria técnica da agricultura que vem se fazendo sentir nos últimos anos, apresente um ritmo mais intenso na próxima década. Todavia, como o atraso técnico no país ainda é generalizado, não se pode esperar que essa melhoria alcance ritmo capaz de compensar o atraso e de colocar a agricultura em nível de produtividade considerado satisfatório.

Constata-se, também, a preocupação de melhorar os mercados urbanos, de modo a torná-los mais eficientes e oferecer menores possibilidades de manipulação de preços. Projetos nesse sentido estão sendo cons-

truídos nas cidades de S. Paulo e Rio.

E por último, quanto à melhoria na distribuição da renda, são pequenas as possibilidades de se conseguir uma modificação ampla no próximo futuro. Não é fácil modificar a situação de salários rurais baixos e de preços elevados de terra, que caracteriza a economia brasileira e que impede aos assalariados adquirir o seu pedaço de terra com suas próprias economias. Os salários baixos são em parte fruto da localização de porcentagem ponderável da população em zonas impróprias para a agricultura como o Nordeste e que emigram para melhores áreas do país, sempre que os níveis de salários e oportunidade de emprego possam constituir um estímulo. De outro lado, os preços das terras se situam em altos níveis, devido principalmente à inflação e à limitação dos mercados de capitais, que fazem com que se considere ainda a terra como um seguro emprego de capital. Esses fatores não são de fácil solução. Todavia, observa-se que a população está ficando consciente dos problemas pertinentes à Reforma Agrária, o que permite acreditar que as condições políticas do país estão

(16) No momento existem organizações semelhantes em 12 Estados da União, com um total de 215 escritórios, atendendo 275 municípios. Plano Diretor Quinquenal (1961/1965) Abcar/Rio.

(17) A produção iniciou-se em dezembro de 1960. Estão sendo instaladas 10 fábricas, com um programa total até junho de 1962, de 31.000 tratores.

começando a se tornar maduras para que o Governo, no próximo futuro, adote medidas mais efetivas. Aliás, o Governo do Estado de São Paulo já

se adiantou com a aprovação da Lei n.º 5 994, de 30-12-1960, que possibilita uma ação imediata e positiva do Estado nesse sentido.